


Ana Helena Tavares lança seu livro: O Problema é ter medo do medo

Ana Helena Tavares lança seu livro: *O Problema é ter medo do medo* 18 de Junho de 2016 , 6:59
Atualizado em 18 de Junho de 2016 , 7:07

Ana Helena Tavares lança seu livro: "O Problema é ter medo do medo. O que o medo da ditadura tem a dizer à democracia", dia 23 de junho de 2016, na livraria Pátio Savassi, 19h.

Na oportunidade haverá um debate entre a autora e o cientista político Rudá Ricci.


A Editora Revan e a Livraria Leitura convidam para o lançamento do livro:



**O PROBLEMA
É TER MEDO DO MEDO**
O QUE O MEDO DA DITADURA TEM A DIZER À DEMOCRACIA
de Ana Helena Tavares

Durante o lançamento haverá debate com:
a autora e o cientista político Rudá Ricci.

23 de junho de 2016	
19H	LOCAL LEITURA PÁTIO SAVASSI - LOJAS 235 E 236 AV. DO CONTORNO, 6061 - FUNCIONÁRIOS BELO HORIZONTE - MG
QUINTA	

Editora Revan 

Abaixo o resumo do conteúdo do livro, enviado pela autora:

- **O Problema é ter Medo do Medo - Subtítulo: O que o medo da ditadura tem a dizer à democracia, de Ana Helena Tavares**

O que militares cassados, bispos expoentes da Teologia da Libertação, indígenas, jornalistas, poetas, sindicalistas, guerrilheiros e advogados, que enfrentaram o medo instalado pela ditadura militar brasileira, têm a contar para a democracia?

Sob o estado de exceção todos são, a princípio, culpados. E o ponto de partida da autora é justamente um

destes condenados antes do julgamento. Um tio, preso à saída de um cinema, em 1970. Que nenhuma militância possuía. Seu crime era ter alguma semelhança física com um guerrilheiro procurado. Até hoje, ele carrega sequelas dos cinco dias de calabouço.

Nas páginas deste livro, os leitores acompanharão jornadas como a dos militares que se rebelaram contra o golpe de 1964. E foram perseguidos, presos e punidos. A do major brigadeiro do ar Rui Moreira Lima, veterano da II Guerra Mundial, falecido em 2013. "Eu, um coronel, fui preso por um sargento e fiquei três dias num buraco que era chão de barro", contou à autora em 2011, quando tinha 92 anos. A quebra de hierarquia nas Forças Armadas é contada em capítulo próprio, que traz também representantes do Exército e da Marinha.

O livro começa com a história do comandante Paulo de Mello Bastos, o piloto que trouxe o então vice-presidente João Goulart para tomar posse após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Ele é um dos muitos entrevistados que trazem a questão para os tempos atuais. Se hoje muitas pessoas chamam outras de "comunistas" sem terem noção do que significa isso e, por outro lado, foram cunhados termos como "coxinha" que reduzem o debate tornando-o maniqueísta, nos anos anteriores ao golpe de 64, no contexto da luta "Petróleo é nosso", ocorria fenômeno semelhante. "Eram chamados de comunistas todos os militares que defendiam que a Petrobras tinha que ser inteiramente brasileira. Nós chamávamos os outros de entreguistas", lembra Mello Bastos.

Três bispos que fizeram a Igreja Católica - que antes apoiara a destituição de João Goulart - dar um giro de 180 graus e se colocar na franca oposição ao regime dos generais também estão presentes na obra. Dois deles já falecidos: D. Waldyr Calheiros, que hoje é homenageado com uma estátua em tamanho real numa praça em Volta Redonda, em frente às chaminés fumegantes da CSN; e D. Tomás Balduino, de Goiás. Resiste ainda no Araguaia D. Pedro Casaldáliga. D. Tomás e D. Pedro fundaram juntos a Comissão Pastoral da Terra e o Conselho Indigenista Missionário.

E para falar de terra o livro traz um índio, o primeiro a ser oficialmente anistiado político por perseguições sofridas na ditadura. Tiurê Potiguara denuncia uma face obscura do autoritarismo: a devastação ambiental e o roubo de terras.

No poema *Que país é este?* outro dos entrevistados, Affonso Romano de Sant'Anna, diz que sua geração "*se fez de terços e rosários: / — um terço se exilou / — um terço se fuzilou / — um terço desesperou*". O capítulo em que está a entrevista de Affonso Romano leva o título: "A palavra e a imagem como trincheiras". Porque, para Affonso, "a varanda do Jornal do Brasil era nossa trincheira". Neste capítulo, o fotógrafo Evandro Teixeira, também do velho JB, conta como fez para tirar fotos antológicas que se tornaram símbolo dos "anos de chumbo". Os jornalistas Milton Coelho da Graça, que fez vários pequenos jornais de oposição ao regime, e Alberto Dines, que viveu o golpe como editor do JB, trazem vivências diferentes. Mas ambos foram presos e trombaram com duas censuras: a oficial e a patronal. O músico Sérgio Ricardo, também neste capítulo, põe o dedo na ferida: "A ditadura plantou o pânico e criou uma geração medrosa". Já o cineasta Sílvio Tandler rememora algo que se perdeu, o Brasil que poderia ter sido e não foi: "Se Jango não tivesse sido derrubado, nossas terras estariam sendo cultivadas por camponeses. Não ia haver esse inchaço nas grandes cidades. Não ia ter tanta miséria urbana". Sílvio revela ainda que chegou a fazer faculdade de Direito, mas abandonou a sala de aula para nunca mais quando leu a notícia: "Presos os advogados de presos políticos". Ele pensou: "Não posso ser advogado num país onde não há Justiça".

Mas muitos se arriscaram nessa missão. Foi o caso de Antonio Modesto da Silveira, o advogado que mais presos políticos defendeu ao longo dos 21 anos de arbítrio. Marcelo Cerqueira e Rosa Cardoso também defenderam muitos. Eles estão no capítulo "A Justiça num Estado de exceção". Acompanhados pelo procurador de Justiça Hélio Bicudo - "o homem que prendeu Fleury".

O livro conta ainda com um capítulo que traz cinco ex-guerrilheiros, no qual se destaca Carlos Eugênio Paz, último comandante vivo da ALN, que fala abertamente das ações armadas das quais participou. Por fim, um capítulo que conta com depoimentos de Cecília Coimbra, fundadora do Grupo Tortura Nunca Mais e Margarida Pressburger, fundadora da Comissão de Direitos Humanos da OAB, que teve um irmão advogado preso e torturado pelo regime militar.

Este capítulo final - "Para que não se esqueça - Para que nunca mais aconteça" - tem uma matéria complementar que tenta responder à questão: "Como e quando se mede a violência de uma ditadura?"

Ricamente ilustrado e embasado por documentos, híbrido de jornalismo e história, O Problema é Ter Medo do Medo, livro de Ana Helena Tavares, tenta jogar luz sobre nuances poucos exploradas, alargando o espectro do impacto

da ditadura muito além dos personagens de sempre. Outros destinos, também turvados pelo poder militar, ganham voz no livro: defensores dos direitos humanos, cineastas, músicos, poetas, religiosos, jornalistas, militares, advogados.

Procura-se, assim, mostrar que a ditadura não foi um embate da direita versus a esquerda, como normalmente se tenta simplificar. Todos os espectros políticos, inclusive forças que apoiaram o golpe, sofreram na mão pesada do regime.

[Enviar para impressão](#)